



CRONOLOGIA TERRESTRE

AS NAÇÕES ANTEDILUVIANAS

ANTES DA AURORA DA CIVILIZAÇÃO, houve uma era de magnífico esplendor, durante a qual impérios de incrível poder se espalharam pelos mais remotos rincões do planeta. Alguns desses estados resistiram por cem mil anos, como foi o caso de Enoque e Atlântida; outros acabaram aniquilados pelas catástrofes angélicas; e outros ainda se desfizeram por si. A todas essas culturas damos o nome de *antediluvianas*.

Atlântida, fundada em 150000 a.C., foi o primeiro e maior desses reinos. Sua unidade era soberana até a ascensão de uma nova raça, simplesmente chamada de “homens”, liderada por Adão e Caim. No início, os atlantes eram tidos como deuses, verdadeiras criaturas alienígenas. Compartilhavam com os enoquianos o mesmo ancestral, uma espécie primitiva, então chamada de *eridai*.

Enoque foi o grande ponto de concentração dos homens, mas diversos deles migraram ainda como viajantes miseráveis, organizando suas próprias nações, da Oceania à Antártida, da Rússia às Américas, da África ao Japão. Muitas dessas nações eram colônias de Enoque, ou aliadas a ela, enquanto outras perderam ou desfizeram seus laços. Por todo o globo, de 50000 a.C. até o dilúvio, nasceram, floresceram e viveram dezenas de milhões de pessoas, que construíram cidades belíssimas, fomentaram a arte e a filosofia, sonharam, amaram e morreram.

Isolados em suas ilhas ultramarinas, os reservados e misteriosos atlantes passaram a ser observados com desconfiança e preconceito, sendo acusados pelos mais improváveis crimes: perdas de colheitas, afundamentos de navios, propagação de doenças e até infortúnios diários. Somando isso à ganância dos nobres e feiticeiros de Enoque, ávidos por tesouros e segredos mágicos, o resultado não poderia ser outro: a eclosão de uma série de conflitos por terra e por mar, referidos nas crônicas terrestres como Guerras Mediterrâneas.

As Guerras Mediterrâneas não encontraram progresso e perderam o fôlego diante da ameaça celeste. Por ordens diretas do arcanjo Miguel, as legiões aladas invadiram várias vezes o país de Nod, queimando aldeias, matando crianças e atacando cidades, até ser repelidas pelos heróis e magos da capital.

O dilúvio parecia uma saída óbvia e fácil para tanta resistência e teve lugar antes do esperado. Milhões de seres – homens e atlantes – foram vitimados nessa que foi a maior carnificina já perpetrada. De Atlântida nada restou. As migalhas de Enoque e os destroços dos demais reinos antigos formariam as bases para as civilizações que surgiriam logo depois.

Principais territórios antediluvianos

Atlântida: países mediterrâneos, oceano Atlântico, parte da Europa Oriental, costa da América do Sul, Bolívia e porções da Antártida.

Enoque: Oriente Médio, Ásia Central e leste da África.

Sakha: Egito e norte da África.

Tuatha: Europa Central e Setentrional.

Arya: Índia e sudoeste asiático.

K'un-lun: China, sul da Mongólia, Coreia e oeste do Japão.

Einhgard: norte da Europa, oeste da Rússia e Groenlândia.

Yami: da Amazônia ao centro-oeste do Brasil.

Hiawatha: norte dos Estados Unidos e parte do Canadá.

Kuna: Andes e Caribe.

A BABILÔNIA LEGENDÁRIA

De todos os impérios que se ergueram depois do dilúvio, o babilônico parece ter sido o que mais resgatou artefatos de Enoque. Esta foi a Babel legendária, que encontrou atividade entre 4000 e 2333 a.C.

Existe razoável controvérsia sobre quem foi o primeiro rei babilônico, mas é plausível imaginar que fossem cidadãos de Nod, sobreviventes do dilúvio, que reuniram as tribos maltrapilhas e com elas reconstituíram a civilização. Como Enoque foi inteiramente arrasada, muitos acreditam que esses viajantes eram fugitivos, exilados ou até marginais, que haviam escapado ou sido expulsos da capital nos dias que precederam a grande catástrofe. Isso explicaria a distorcida filosofia dos babilônicos, que detestavam os celestes e repudiavam o divino, sem ter motivos lógicos para isso – como tinham os enoquianos.

O estilo arquitetônico de Babel copiava as construções de Enoque, porém sem a perfeição de outrora. A cidade da Babilônia, em especial, teria sido planejada a partir da planta de Ashdam, o centro comercial antediluviano que guardava as rotas mediterrâneas. A Pirâmide de Prata e a Torre de Babel, no entanto, foram marcos distinguíveis da engenharia do novo estado.

A busca por mais informações e resquícios dos impérios de antigamente era uma obsessão de todos os monarcas e feiticeiros de então. A questão da magia é especialmente icônica. As práticas mágicas que conhecemos hoje e que foram compiladas na Babel legendária, acredita-se, eram rituais do povo, feitiços “sujos”, que necessitavam de oferendas, sacrifícios e cerimônias prolongadas. Tais ferramentas eram e são artifícios para aqueles que não conhecem o verdadeiro poder. A magia de Enoque e de Atlântida, segundo os registros, era efetuada instantaneamente, e seus encantamentos lançados sem nenhum esforço especial e com total naturalidade.

A utilização e a preservação, em Babel, de animais já extintos, como mamutes, tigres-dentes-de-sabre e mastodontes, não tinham apenas função prática, mas ideológica – seguiam a filosofia de preservar e *resgatar* o brilho dos antepassados, “covardemente assassinados” pelos anjos de Deus. A ideia era efetivamente reconstruir o que fora arruinado e, depois de estabelecido o império, erguer uma torre que chegaria aos céus, para enfim invadir a morada dos celestes e clamar por vingança.

A Torre de Babel caiu em 2333 a.C., e com isso sumiram os últimos documentos da velha Enoque. Os escravos fugitivos se fixaram em Ur, na Caldeia, constituindo duas tribos que deram origem aos hebreus e aos sumérios – esses últimos fundaram, anos mais tarde, a Babilônia histórica.

A AURORA DA CIVILIZAÇÃO

Foi a partir de Babel, pode-se dizer, que a raça humana entrou no ponto de desenvolvimento que a trouxe aos dias de hoje. Não por acaso, foi também nes-

sa época que o tecido da realidade iniciou seu processo de adensamento, dificultando a ação não só dos anjos, mas também dos mágicos.

As primeiras décadas do século XXX a.C. protagonizaram o Terceiro Despertar, com a união dos reinos do Alto e do Baixo Egito e a posterior construção das grandes pirâmides. Data também desse milênio o estabelecimento, na Europa Ocidental, dos primeiros túmulos megalíticos e santuários místicos, como Stonehenge e os demais dolmens sagrados. No sul da Ásia, a agricultura florescia no vale do Indo.

No céu, o fim das Guerras Etéreas e os avanços da raça humana deram combustível aos arcanjos para deslanchar uma nova onda de cataclismos. Mas agora o tecido, muito mais denso, restringia seus poderes, reduzia a eficiência de suas ações e os impedia de matar e aniquilar como antes. Uma ironia incrível, porque, ao perder o contato com o fantástico, os homens se tornaram mais descrentes, mais apegados ao mundo material, o que fez a membrana se alargar e prejudicou a atuação dos celestes.

Desde então, os arcanjos entraram em franco declínio, o que daria motivos para Lúcifer comandar sua rebelião. O fracasso vergonhoso nas Guerras Etéreas permitiu que os homens continuassem – agora mais fortemente – a adorar seus deuses espirituais. Dali em diante, e por mais dez mil anos, até a expansão do cristianismo, os chamados “povos pagãos” veneraram as divindades etéreas, as mesmas que haviam derrotado e expulsado os alados de seus territórios.

O TEMPO DOS HERÓIS

A idade mítica da civilização pós-diluviana, ou seja, da nossa civilização, iniciou-se antes da queda de Babel, por volta de 3000 a.C., e se encerrou perto de 1200 a.C., com a conclusão da Guerra de Troia (essas datas variam segundo a região).

A era dos heróis foi também o ápice das divindades etéreas. Foi o tempo em que os deuses “humanos” se tornaram mais fortes, interagindo, às vezes fisicamente, com seus sacerdotes, em vértices especialmente criados nas alcovas dos templos, em cavernas debaixo da terra e em santuários submarinos nas costas do oceano.

O fim da Idade do Bronze assistiu a novos holocaustos, promovidos não pelos anjos, mas pelos homens. A manipulação e o uso do ferro terminaram por elevar certas culturas acima das outras, resultando em guerras, torturas, expurgos e genocídios.

Com o desaparecimento dos heróis e a decadência da era mítica, os deuses etéreos se enfraqueceram, o que convergiu para a fundação da Fraternidade Branca, um conselho de poderosíssimas entidades espirituais reunidas para impedir uma nova ofensiva celeste.

GRÉCIA, ROMA E A FRATERNIDADE BRANCA

A união dos etéreos na Fraternidade Branca deu força às entidades “pagãs”, que repeliram até mesmo as mais sutis manifestações angélicas em seus territórios. A decadência da Grécia e a expansão de Roma, em contrapartida, contribuíram para engrossar o tecido, dificultando o contato dos sacerdotes com seus deuses. Muitos vértices desapareceram, principiando a fase final, no Ocidente, da supremacia dessas criaturas, que por tantos séculos foram objeto de veneração da gente comum.

O desenvolvimento da República e depois do Império Romano mostrou ao mundo um novo conceito de civilização, o mesmo que havia sido proposto por Alexandre Magno anos antes. A ideia de um poder central, onipotente e onipresente, atuando como uma verdadeira divindade estatal, da qual todos os cidadãos fazem parte, teve profundo impacto na psique dos povos de então. O poder do Estado tornou-se mais forte que bruxos, magos e monstros, afastando os homens do interesse sobrenatural.

À medida que as histórias de anjos, espíritos e deuses se transformavam em lendas, em simples metáforas para compreender a condição do ser humano e de sua sociedade, estalou no céu a guerra civil, o grande confronto entre Miguel e Gabriel, cujo estopim foram as disputas envolvendo a Criança Sagrada. A subsequente difusão do cristianismo foi crucial para minar as bases do Império, compostas pela massa miserável, por escravos e servos, especialmente estrangeiros, que constituíam o grosso da população romana, na capital e nas províncias conquistadas.

IDADE MÉDIA E A SUPRESSÃO CÓSMICA

A queda de Roma e a propagação do cristianismo distanciaram nobres e aldeões das divindades antigas, alargando o tecido e destruindo centenas de vértices. Esse fenômeno foi chamado de “supressão cósmica”.

A supressão cósmica, que parecia completa no fim da Idade Média, é entendida como a etapa final da “vida” dos deuses etéreos. Marca também o começo de um período em que a intervenção dos anjos na terra se tornou ineficaz, já que a membrana não mais possibilitava a invocação de catástrofes – até mesmo a materialização era difícil. Soma-se a isso a confusão resultante da guerra civil. Pela primeira vez, os arcanjos viviam uma batalha no paraíso. O Quarto Céu virou um perpétuo campo de luta, e agora tanto Miguel quanto Gabriel tinham interesses que não incluíam a terra. Bastava um vacilo para um dos exércitos cair, e foi assim que os celestes se distanciaram definitivamente da Haled.

A convocação dos celestiais que viviam na terra para lutar a guerra no céu deixou o mundo físico desguarnecido. Foi então que os anjos caídos, liderados por Lúcifer, que desde então cumpriam sua punição no Sheol, se apresentaram aos seres humanos. Muitos deles já seduziam os mortais desde a queda, mas foi na Idade Média que o Arcanjo Sombrio compreendeu que os infernais poderiam preencher a lacuna deixada pelos deuses pagãos. Seus demônios aceitariam oferendas, sacrifícios, seriam adorados, e retribuiriam com promessas de poder e controle – social, econômico e até religioso. A veneração de demônios foi bastante comum especialmente na segunda metade do período medieval. Seus “sacerdotes” se reuniam em sociedades secretas, praticavam magia negra e assim garantiam, alguns mesmo sem saber, a passagem de sua alma ao inferno.

IDADE MODERNA E O HANIAH

A Idade Média foi um período de intensos combates nos Sete Céus. Tais lutas culminaram com a tomada do Castelo da Luz, a maior fortaleza dos querubins, pelas forças de Gabriel. Irritado com a derrota, Miguel ordenou o Haniah, ou Retorno, estabelecendo que todos os anjos aliados a ele que morassem ou estivessem na Haled deveriam abandonar suas missões e regressar ao paraíso, para ingressar nas fileiras do exército.

A intimação se estendeu a todas as castas, mas os elohins, sem um príncipe para lhes transmitir a informação, simplesmente não atenderam ao chamado e foram posteriormente perdoados, por conta de sua natureza, que os impelia a permanecer no mundo físico. Os ofanins também continuaram na terra, vagando pelo plano astral – como a maioria deles havia optado por seguir a facção de Gabriel, não tiveram problemas em rejeitar o recrutamento, num primeiro momento. As demais ordens, por sua vez, obedeceram ao Príncipe dos Anjos, que

nos anos seguintes destruiu praticamente todos os vórtices de acesso a Celestia, Gehenna e Acheron, delegando agentes de sua confiança para resguardar as passagens restantes.

Com o contingente inimigo crescendo, Gabriel não teve opção senão fazer o mesmo: convocar seus partidários à briga. Desde então, os emissários celestes, à exceção dos elohins, só descem à Haled para cumprir missões específicas, ordenadas pelos líderes de casta. Tentativas de exílio são tomadas como crime: o anjo é caçado, preso e até executado, dependendo de seu ciclo e hierarquia.

DIAS ATUAIS E O QUINTO DESPERTAR

A última grande expansão do tecido aconteceu nas décadas finais do século XIX. O imperialismo europeu “civilizou” os últimos povos “bárbaros”, do Extremo Oriente ao Alasca, das selvas da África às geleiras da Antártida. A banalidade esmagou o misticismo, a Revolução Industrial afastou o indivíduo do contato com a produção artesanal e artística, as fábricas poluíram os rios, florestas foram queimadas, espécies inteiras de animais foram extintas. Essa mudança atingiu níveis econômicos, políticos e sociais – mas principalmente psíquicos. Os anjos passaram a ser vistos como folclore; os espíritos etéreos, como mitologia. Mesmo a religião perdeu força – nem os sacerdotes mais acreditavam nela.

O Quinto Despertar tornou a mágica impossível fora de santuários, impediu a materialização em áreas urbanas e sepultou de vez qualquer resquício de influência dos deuses pagãos.

O fato é que a terra não tem mais importância para os arcanjos, envolvidos em suas próprias disputas. Com as portas abertas, sem resistência divina, os agentes de Lúcifer abraçaram o mundo, corromperam almas e perverteram a civilização, ainda que sejam os homens, e só eles, os verdadeiros responsáveis pelas calamidades que precedem o Dia do Ajuste de Contas.